

Fotonovelas no Brasil: do drama mercadológico aos acontecimentos e críticas sociais¹

Filipe Pereira da SILVA²

Ricardo Jorge De Lucena LUCAS³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

A fotonovela nasceu na Itália do pós-guerra, como subproduto do cinema. Por muito tempo, as fotonovelas foram consideradas apenas uma sobreposição de outras linguagens já existentes, desprovidas de valor cultural próprio e classificadas como um objeto de reprodução mercadológica banalizada. Algumas produções, agora inseridas dentro de outros contextos sociais e contendo novas possibilidades tecnológicas de produção, começam a aparecer e questionam o fato das fotonovelas serem a imposição simples e pura de uma indústria cultural. O artigo tem como objetivo mostrar que as fotonovelas possuem uma estrutura capaz de criar significações e ser um canal de expressão social, fazendo com que o leitor estabeleça suas próprias representações sociais.

Palavras-chave

Aprendizado; Comunicação; Fotonovelas; Representação; Sociedade

Introdução

No ano de 1940, na Itália, surgem os fotoromanzi ou fumetti⁴. Damiano Damiani, diretor de cinema, e Cino Del Duca, produtor de cinema famoso em publicar revistas sentimentais, foram os responsáveis pelas primeiras edições, que cresceram consideravelmente em função de uma população que, em sua grande maioria, não tinha acesso ao cinema. O que mais tarde seria traduzido para fotonovela, na época, significava apenas um subproduto do

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação 6º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFC. E-mail: filipenpd@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFC. E-mail: ricardo.jorge@gmail.com.

⁴ Primeiro nome dado às fotonovelas.

cinema. Começou então a publicação de resumos de filmes de grande sucesso, acompanhados por fotografias em revistas (SAMPAIO, 2008).

Os estúdios usavam fotogramas cortados na edição dos filmes para montar seus cartazes e anúncios publicitários, que traziam como que um pequeno resumo do filme. Por isso, em fotonovelas das décadas de 1950 e 1960, não é raro reconhecer o rosto de estrelas do cinema europeu, principalmente o italiano. (SAMPAIO, 2003, p. 21)

As fotonovelas passaram a ser consideradas um *Kitsch*⁵, termo que, embora ainda alavanque inúmeras discussões, geralmente é tido, em suma, como sinônimo de algo banal, barato e de mau gosto. Muitas vezes é considerado uma oposição completa ao conceito de arte, e quando considerado, classifica-se como de má qualidade. São produtos da industrialização e da cultura de massa; é um fenômeno de largo alcance e movimenta uma indústria milionária.

Assim as fotonovelas foram se consolidando no mercado, como algo “gasto”, pois antes de serem vendidas para a classe média, já eram consumidas através de outros meios por uma camada social com maior poder aquisitivo, considerada a detentora de uma cultura erudita dominante. Quando veio para o Brasil, as fotonovelas já vieram como um instrumento de publicação para romances, publicidades e entretenimento, algo que justifica sua presença em revistas da época.

As editoras que publicavam esse tipo de revista eram principalmente a Abril, de São Paulo, e mais três localizadas no Rio de Janeiro: Vecchi, Bloch e Rio Gráfica. Em 1967, elas colocavam, juntas, 19 títulos em circulação mensalmente; em janeiro de 1971, esse número chegava a 22 títulos, e em novembro do mesmo ano, havia 31 títulos de revistas de fotonovelas em circulação em todo o país, todos publicados pelas mesmas quatro editoras. (SAMPAIO, 2008, p. 18 apud HABERT, 1974)

Entretanto, as fotonovelas, embora causem controvérsias, para um grande número de pessoas constituiu mais do que uma simples questão de gosto, significou todo um modo de vida, tendo para este público todos os atributos de legitimidade.

Sendo classificada com uma Arte Sequencial⁶ (EINSNER, 2008, p. 10), as fotonovelas possuem uma estrutura visual e narrativa semelhante a dos quadrinhos. Para Will Einsner (2008), as fotonovelas são narrativas gráficas, uma descrição genérica de qualquer narração que usa imagens para transmitir ideias. Quando uma pessoa está em

⁵ Palavra usualmente empregada nos estudos de estética para designar uma categoria de objetos vulgares, baratos, de mau gosto, sentimentais, que copiam referências da cultura erudita sem critério e sem atingirem o nível de qualidade de seus modelos, e que se destinam ao consumo de massa.

⁶ Série de imagens dispostas em sequência.

processo de leitura, ela forma imagens involuntariamente, com o intuito de acelerar essa assimilação, as fotonovelas, semelhante aos quadrinhos, usam a técnica da “Imagem + Texto” e permitem a leitura sequencia rápida

As fotonovelas, como já mencionado, possuem outras linguagens, dentre elas, podemos classificar também a teatral e a cinematográfica. Os figurinos, poses, planos e composições de cena, por exemplo, são elementos pensados para transmitir visualmente discursos. O objetivo aqui é demonstrar que, embora as fotonovelas sejam interposições de outras linguagens e possuam uma origem mercadológica, fazem parte de uma cultura miscigenada e popular com valores e estruturas capazes de reproduzir discursos, acontecimentos e críticas sociais, promovendo a compreensão do mundo e de si mesmo.

A Evolução das Fotonovela no Brasil

A Grande Hotel⁷, da editora Vecchim, lançada em 1947, foi uma das mais bem sucedida revista de fotonovelas a serem publicada no Brasil. A primeiras edições chegavam da Itália e ainda eram desenvolvidas em desenhos, assim como as da revista Capricho⁸, da Abril, lançada de 1952.



Segundo Gonçalo Junior (2006), as fotonovelas chegaram ao Brasil junto com as histórias em quadrinhos "de amor", e que pareciam, elas próprias, com gibis, porque as

⁷ Grande Hotel era uma das mais antigas revistas de fotonovela do Brasil, nos primeiros exemplares, a revista ainda dispunha dos chamados fotodesenhos, que embora semelhantes as fotonovelas, era histórias desenvolvidas em desenho. Nas ilustrações: Grande Hotel nº 177, Capa.

⁸ Thomaz Souto Corrêa (2000) afirma que em 1956, a "Capricho" atingiu, até então, a maior tiragem de uma revista da América Latina, rompendo a marca dos quinhentos mil exemplares, sucesso que perdurou ao longo dos anos 1960.

primeiras fotonovelas eram desenhadas, utilizando ilustrações com "aguada"⁹ que pareciam fotografias.

Sem dúvida, um dos fatores mais importantes para a fotonovela é o advento da fotografia. A partir da revolução Industrial e do desenvolvimento das técnicas fotográficas, que trouxe informações visuais do mundo e das várias realidades sociais, surgiu a fotonovela assim como ela perdurou por anos. Mais tarde começaram a chegar da Itália as primeiras histórias feitas com fotogramas. Esse interesse levou à impressão de histórias completas, utilizando os principais fotogramas para resumir os filmes – primeiro os americanos, depois os italianos – em forma de revista, que foi chamada de "cine-romance".

Na Itália, por exemplo, as fotonovelas, ao mesmo tempo em que já eram exportadas, começavam a ganhar um mercado cada vez maior. Os estúdios de cinema davam espaço para as produções, as quais muitas vezes contavam até com a mesma equipe de produção e os mesmos atores de determinado filme. Esse modelo foi tornando-se padrão em outros países e, tanto no Brasil, quando em outros locais, entre o período de 1950 e 1960, era comum ver nas capas das revistas os rostos atores famosos, além de notícias sobre artistas internacionais.



10



11

⁹ Tinta nanquim misturada a água.

¹⁰ Notícia sobre a visita do ator Italiano Paolo Rosani ao Brasil

¹¹ Fotonovela traduzida com o ator italiano Paolo Rosani



12



13

A partir da década de 70, com a popularização das fotonovelas no Brasil, as revistas já produziam seus próprios conteúdos. A Sétimo Céu, da Bloch, lançada em 1958, era famosa por ser a primeira revista que produziu as primeiras fotonovelas brasileiras com atores que começavam a fazer sucesso na televisão brasileira. Já em meados dos anos 60, publicou também as primeiras fotonovelas coloridas regularmente, e não apenas como edições especiais.

A técnica das fotonovelas, aos poucos, foi sendo incorporada pelos outros países, inclusive o Brasil, fato que possibilitou uma considerada fama desse meio de produção

No segundo semestre de 1970, as revistas que publicavam fotonovelas no Brasil ocupavam o segundo lugar em tiragem e circulação, perdendo apenas para as revistas em quadrinhos infantis: Capricho, da Editora Abril, tinha uma circulação média quinzenal de 211.400 exemplares, enquanto Tio Patinhas, Mickey e Pato Donald, publicados pela mesma editora, tinham uma circulação média periódica de cerca de 400 mil exemplares. Mas se forem somadas as tiragens de todas as revistas de fotonovela da época, as cifras mensais ultrapassam um milhão de exemplares (SAMPAIO, 2003, p. 2)

Essa primeira fase abre espaço para uma análise dentro desses primeiros anos. Com personagens muitas vezes estereotipados e pouco desenvolvidos, essas primeiras edições contavam com narrativas românticas e esteticamente produzidas para o entretenimento e curiosidades sobre a vida dos artistas, os quais agora tinham o meio impresso para reproduzir seus trabalhos e promover suas imagens. Os anos de 50, 60 e 70 marcam o auge

¹² Sétimo Céu - Intimidade - nº 3 - junho de 1978

¹³ Sétimo Céu - nº 319 - Janeiro de 1983

das fotonovelas, além da consolidação desse tipo de linguagem, a priori marcada pelo seu caráter cinematográfico, romântico, publicitário e voltado para a cultura de massa.

A era da informação e as novas possibilidades de produção cultural:

As fotonovelas, com o intuito de comunicar ao seu público alvo e transmitir uma informação visualmente, sempre adotou discursos. No seu processo de produção, é possível notar que são utilizadas estratégias, como escolha de figurinos, atores, poses, planos, composições de cena, etc. A linguagem teatral e a cinematográfica compõem esse processo e mostram que, embora as fotonovelas sejam interposições de outras linguagens e tenham se originado com um caráter mercadológico, podem ser consideradas arte, popular, miscigenada e dotada de valores e estruturas capazes de reproduzir discursos, acontecimentos e críticas sociais, promovendo a compreensão do mundo e de si mesmo.

Igualmente aos quadrinhos, as fotonovelas utilizam da chamada arte sequencial. Essa arte, segundo Einser (2008) exige do leitor o preenchimento das elipses entre um fotograma e outro. Segundo Evelyne Sullerot, pesquisadora francesa:

O quadrinho ou a fotonovela demanda um movimento tríplice. O primeiro movimento seria simples: de um fotograma ao seguinte. Porém, no segundo movimento, entre um fotograma e outro há a elipse que será virtualmente preenchida. E, o terceiro movimento, a reconstituição da narrativa entre os fotogramas com a elipse solucionada imaginariamente. A história é recomposta na mente do leitor. Enfim, há um espaço lacunar nos fotogramas que é preenchido pelo leitor. As poses das personagens e o mise-en-scène deixam um espaço livre para a reconstituição de sentido por parte de quem lê, pois se pode imaginar tanto a seqüência anterior como a posterior até o próximo fotograma (Sullerot, 1963, p.101).

Talvez isso não fosse tão claro nas épocas passadas, pelo fato da indústria cultural de massa e a reprodução mercadológica em série, muitas vezes, limitar um estudo ou alguma pesquisa sobre os valores culturais e estruturais mais amplos de determinado produto, mas as fotonovelas se concretizaram como um sucesso por possuírem uma capacidade de narrar seguindo essas estruturas de composições mencionadas.

Antes, no processo de montagem¹⁴ das fotonovelas, o modelo fordista¹⁵ de trabalho não possibilitava a liberdade artísticas daqueles que faziam parte do processo de produção. A equipe de tradução ou diagramação, por exemplo, cumpriam um papel específico de

¹⁴ Depois da tradução, a fotonovela passava por diversas mãos até ganhar sua versão final, e esse processo, segundo Habert (1974), se parecia muito mais com um "processo de censura" do que com um processo artístico de seleção das melhores fotos, melhores formas de montagem ou exploração das possibilidades de interpretação oferecidas pelo roteiro original.

¹⁵ Sistema de produção, criado pelo empresário norte-americano Henry Ford, cuja principal característica é a fabricação em massa.

censurar conteúdos que eram impróprios dentro do Brasil, deixando-se de lado o direito de liberdade de expressão dessas pessoas, impossibilitando que estas colocassem suas interpretações ou pontos de vistas, já que eram submetidas à indústria e seus valores comerciais dominantes.

A diversão é possível apenas enquanto se isola e se afasta a totalidade do processo social, enquanto se renuncia absurdamente desde o início à pretensão inelutável de toda obra, mesmo da mais insignificante: a de, em sua limitação, refletir o todo. Divertir-se significa que não devemos pensar, que devemos esquecer a dor, mesmo onde ela se mostra. Na base do divertimento planta-se a impotência. É, de fato, fuga, mas não, como pretende, fuga da realidade perversa, mas sim do último grão de resistência que a realidade ainda pode haver deixado (ADORNO, 2002, p. 25)

A Industrial Cultural, nesse contexto, acabou limitando a atuação social dentro de um canal comunicativo que eram as fotonovelas. Com as novas tecnologias e a grande reprodução de conteúdos, muito tem-se discutido sobre a cultura visual e a importância de se refletir tudo aquilo que é visto e, principalmente, reproduzido. Novos aplicativos e plataformas digitais permitem uma nova forma de fazer e reproduzir antigas formas de arte.

Desse ponto de vista, quando me refiro nesse livro sobre cultura visual, estou falando do movimento cultural que orienta a reflexão as práticas relacionadas as maneiras de ver e de se visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me as maneiras subjetivas e intrasubjetivas de ver o mundo e a si mesmo (HERNÁNDEZ, 2007, p. 22)

Hoje, com a democratização dos meios de produção e o aparecimento das tecnologias da informação, muito tem-se discutido sobre as possibilidades de produção dos próprios conteúdos. Wilson (2000) define que o mundo está vivendo a terceira grande transformação nas tecnologias de mídia de massa nos tempos modernos, que é uma transição para a produção, armazenagem e distribuição de informação e entretenimento estruturadas em computadores. Estas novas mídias de comunicação de massa na era da informação propõem novas formas de utilização dos meios de comunicação, une os meios antigos aos tradicionais

As fotonovelas já não são publicadas desde meados da década de 1980. É necessário compreender que - por meio de uma leitora sobre suas linguagens e possibilidades de uso social, como já feito anteriormente - a fotonovela não necessariamente faz parte de uma imposição simples e pura de uma indústria cultural, pois podem atuar também como um instrumento onde os leitores podem se identificar e criar as suas próprias significações e estabelecer representações sociais. Torna-se necessário relê-las e reconfigurá-las para os

novos contextos, ou seja, fazer uma nova leitura estrutural, usando-as como mais um mecanismo de expressão e arte.

Essas análises e características abrem a possibilidade para a criação de narrativa das mais variadas circunstâncias. Já existem produções socioeducativas que obtiveram sucesso na sua execução. Por exemplo, em 2012, a professora de Artes Cênicas¹⁶ Aurora de Moura realizou com os alunos de uma turma do 9º ano uma fotonovela. Os alunos foram divididos em grupos e, ao fim do processo, produziram cinco roteiros que geraram as fotos e as subsequentes edições. A produção, que tinha um roteiro bastante fantástico e com tons de comédia adolescente, colaborou no aprendizado da turma.



Na festa, Eliza conhece Rafael, amigo de Júlio...



Rafael, Júlio e Eliza depois de beber a noite inteira na festa, resolvem pagar o carro de Rafael para bater um pégo mas acontece um grave acidente na Avenida Brasil



Todos são encaminhados ao hospital mais próximo ao acidente.



Rápido levem os dois para a UTI com urgência.

Eliza e Júlio foram levados às pressas ao hospital, Rafael não resistiu aos ferimentos e morreu na hora

Segundo a professora, “Foi bonito demais vê-los na produção das fotos. Eles se sentiam importantes, fazendo algo – não só para a nota, mas por prazer. Nas fotonovelas, os alunos enfatizaram o concreto, como as comunidades e as drogas”.

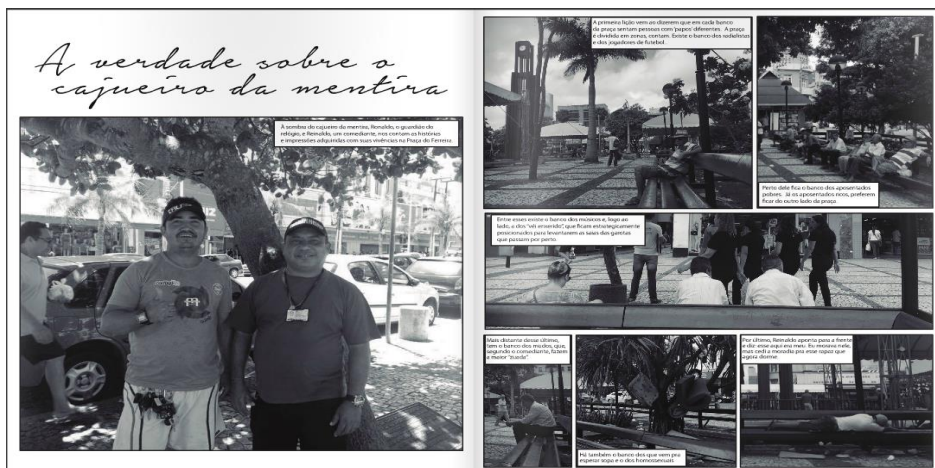
Os temas ainda tratam de questões universais, que preocupam a todos os indivíduos em algum momento da vida: amor, sexo, lealdades e traições (amorosas ou de amigos), dinheiro, família, erros e acertos que as pessoas comuns cometem em seu dia-a-dia. Entretanto, aqui são mostradas também narrativas contextualizadas para as mais variadas realidades e contextos sociais, feitas por qualquer pessoa (democrático) e de caráter socioeducativo.

¹⁶ As **artes cênicas** ou **cênicas**, chamadas ainda de **artes performativas**; são todas as formas de arte que se desenvolvem num palco ou local de representação para um Espectador público. Muitas vezes estas apresentações das artes cênicas podem ocorrer em praças e ruas. Assim podemos dizer também que este **palco** pode ser improvisado. Ou seja o palco é qualquer local onde ocorre uma apresentação cênica.

Novas produções ganham espaço, os exemplos mostrados são de memórias afetivas de determinados espaços, além de dramas sociais e socioeducativos, porém, outras narrativas de importância social podem começar a aparecer. A experiência pode possibilitar uma série de aprendizados, tanto das linguagens existentes quanto promovidos pela imersão e reflexão do próprio conteúdo das fotonovelas.



Tiago Medeiros, com o trabalho “Penhasco da Tristeza”, realizado pelo PEAC¹⁷, relata: “Também foram experiências importantes para desenvolvermos nossa própria linguagem gestual e física enquanto atores, pois pudemos experimentar vários elementos mais presentes na linguagem cinematográfica do que cênica, tais como closes, planos americanos, plano detalhe, entre outros”.



18

¹⁷ O Projeto de Extensão e Ação Contínua - PEAC desenvolve pesquisa em dramaturgia contemporânea e busca estabelecer também diálogos criativos entre formas tradicionais de arte com artefatos presentes na cultural visual atual: história em quadrinhos, novelas gráficas, vídeos para internet, entre outras narrativas desenvolvidas com o uso de tecnologias digitais

¹⁸ Fotonovela: Bancos que contam histórias - Trabalho realizado na disciplina de Antropologia no curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará.

Nesta última produção, alunos da turma de Jornalismo da UFC optaram por imergirem em determinado cotidiano social e desenvolveram uma fotonovela contando histórias sobre a Praça do Ferreira, lugar histórico que fica no Centro da cidade de Fortaleza. A praça possui um caráter simbólico para os moradores da Cidade e, nesta fotonovela, narrativas são desenvolvidas de forma sequencial com o objetivo de reafirmar a importância desse espaço.

Considerações finais

As novas tecnologias da informação trouxeram uma série de possibilidades para a sociedade, o que inclui a produção cultural. Não é mais necessário o indivíduo se submeter aos grandes monopólios de fabricação de conteúdos para conquistar o mercado, ele está se reconfigurando na medida em que a internet possibilita que produtores independentes e até amadores comecem a divulgar seus trabalhos, ganhando inclusive mais alcance.

No contexto das fotonovelas não é diferente. O que começou sendo um produto importado e pertencente à indústria cultural de massa, com personagens pouco desenvolvidos e estereotipados, agora, em um momento de reestruturação das inúmeras linguagens e até da própria mistura de linguagens como proposta de arte, as fotonovelas possuem a capacidade de serem reconhecidas como um canal de expressão popular capaz de promover projetos socioeducativos, levantar questões de importância pública, expressar opiniões populares, etc.

Assim, para concluir, a compreensão da fotonovela deve se distanciar das simplificações e julgamentos que a submetem como um subproduto desqualificado de valor, baseada numa pesquisa historiográfica apenas mercadológica. Nela podemos encontrar práticas culturais que podem explicar formas de organização social e modo de agir no cotidiano. É um espaço que hoje já pode fugir dos aparelhos dominantes e suas imposições.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**; seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida traduzido por Juba Elisabeth Levy... [et al.] São Paulo: Paz e Terra, 2002

CORREIA, Thomaz Souto. **As Fotonovelas - Uma história de ascensão e queda**. Disponível em: <<http://asfotonovelas.blogspot.com.br/p/as-fotonovelas-uma-historia-de-ascensao.html>>. Acesso em 3 de julho de 2016

DIZARD Jr, Wilson. **A Nova Mídia – A comunicação de massa na era da informação**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro. 2000.

EISNER, Will. **Quadrinhos e a arte sequencial**. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HABERT, Angeluccia Bernardes. **Fotonovela e indústria cultural: estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões**. Petrópolis: Vozes, 1974.

História da Arte. **Arte popular**. Disponível em: <<http://historia-da-arte.info/arte-popular.html>>
Acesso em 03 de julho de 2016

ISSUU. **Bancos que contam histórias**. Disponível em:
<<https://issuu.com/vanessa324/docs/fotonovela-bancosquecontamhistoria>>. Acesso em 04 de julho de 2016

JOANILHO, André Luíz; JOANILHO Mariângela P G **Sombras literárias: a fotonovela e a produção cultural**. São Paulo: Revista Brasileira de História. v. 28,nº 56, 2008 p. 529-548

MACHADO, Sandra. **Geração Facebook revive a fotonovela e a radionovela**. Disponível em:
<<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/532-geracao-facebook-revive-a-fotonovela-e-a-radionovela>>

MANINI, M.P. **O verbal e o visual no caso do foto-romance**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 1992.

Midiatividades. **Fotonovelas**. Disponível em:
<<https://midiatividades.wordpress.com/2013/06/06/fotonovela/>>. Acesso em 20 de junho de 2016

PAUKOSKI, Carminha. **Paulo Rosani - um lindo italiano ator de novelas**. Disponível em:
<<http://carminhapaukoski.blogspot.com.br/2010/09/paolo-rosani-um-lindo-italiano-ator-de.html>>. Acesso em 30 de junho de 2016

SAMPAIO, Isabel Silva. **Para uma memória da leitura: a fotonovela e seus leitores** 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo: 2008. p.10-30

SULLEROT, Evelyne. **La presse féminine**. Paris: Armand Colin, 1963. p.106.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. Sulina, Porto Alegre: 2003. p.10-25

Splash Pages. **A Questão dos Estereótipos nos Quadrinhos, por Will Eisner**. Disponível em:
<<https://splashpages.wordpress.com/2015/06/19/a-questao-dos-estereotipos-nos-quadrinhos-por-will-eisner/>>